



NA PRIMEIRA PESSOA

ENTRAR NO PRIMEIRO EMPREGO EM PLENA PANDEMIA

Para podermos concretizar os dados do estudo “Workforce Protection”, a Human Resources falou com alguns jovens que integraram recentemente o seu primeiro emprego, para percebermos o que valorizam e como têm vivido este período. Dois estão na Zurich, que, há já alguns anos, promove o “Zurich Graduate Program”. É um programa de estágios, remunerados, para jovens finalistas e recém-graduados. «A COVID-19 não o interrompeu, pelo contrário: em 2020, duplicámos o total de estagiários, e em 2021, voltámos a duplicar», revela Nuno Oliveira. Partilhámos também testemunhos de jovens que integraram a Unibanco e a Axians.

Carina Clemente

Terminou em 2020 a licenciatura em Matemática Aplicada à Economia e à Gestão no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão, estando actualmente a terminar o mestrado em Estatística e Gestão de Informação, com especialização em Análise e Gestão de Risco, na NOVA IMS. Entrou na Zurich em Abril de 2021. Analisa e trabalha dados, «transformando a informação disponível em bruto de forma a captar os KPIs importantes para a gestão do negócio».

De que forma a pandemia afectou o seu dia-a-dia?

Como vivo perto de Torres Vedras e estava a tirar a licenciatura em Lisboa, estava

muito habituada a fazer grandes deslocções diariamente. Já estava acostumada à cidade e ao meu dia-a-dia de aluna universitária, e a pandemia quebrou bastante esta rotina, ao ponto de ter terminado a minha licenciatura via Microsoft Teams. O que mais me afectou foi não me poder despedir dos meus colegas, nem participar nas cerimónias de final de curso.

Quando começou a procura de emprego, achou que ia conseguir?

Tendo em conta que já estava habituada a ter aulas (inclusive exames) online, e assumindo que o emprego que procurava na minha área de formação seria viável na forma online, nunca me pareceu que a pandemia fosse um impedimento. Nunca tinha participado numa entrevista de emprego, e o facto de ser online não me assustou. É o novo normal.

Como foi integrar uma empresa neste contexto?

Foi bastante desafiante. Tipicamente, a entrada numa nova empresa é acompanhada por uma fase inicial de adaptação e muita aprendizagem, que no caso de alguém que, como eu, está a entrar pela primeira vez no mercado de trabalho, acaba por ter o dobro do peso.

O facto de ter de passar por esta fase à distância, ajudou-me muito a desenvolver as minhas capacidades, principalmente na procura, de forma autónoma, de respostas aos problemas que iam surgindo. Claro que a distância não impediu o gran-

de apoio que me foi – e vai sendo – dado pelos meus colegas de equipa, mas é inegável que o restringiu.

De que forma decorreu o onboarding?

O onboarding decorreu de forma bastante fluída, tendo em conta o momento em que vivemos. A minha equipa recebeu-me de braços abertos e até ao dia de hoje tem sido um apoio incondicional no meu desenvolvimento como profissional. Ao longo das primeiras semanas fui sendo apresentada aos colegas das várias equipas, que desde cedo me fizeram sentir bem-vinda.

Quando estava à procura de emprego, o que mais valorizou nas ofertas?

Tendo em conta a minha situação de recém-licenciada, o que mais valorizei na procura do meu primeiro emprego foi a oportunidade de aprendizagem. Não vou mentir, o salário também foi uma influência. O facto de poder trabalhar a partir de casa também pesou bastante na minha decisão.

Nesta fase, parece ser o modelo de trabalho híbrido o que mais é adoptado nas empresas cuja actividade permite o trabalho remoto. Como encara este tema?

O modelo de trabalho híbrido tem imensas vantagens e encaro-o como algo bastante positivo a ser implementado pelas empresas. Acredito que as idas ao escritório são bastante importantes, de forma a fortalecer as relações entre colegas e manter vivo o espírito da organização, mas os dias de trabalho remoto também o são, principalmente no caso de colaboradores que, tal como eu, vivem mais longe de Lisboa e assim conseguem maximizar o tempo livre e pessoal que cada merecem.





Sendo jovem, qual é para si o maior desafio do mercado de trabalho e que expectativas tem em relação ao futuro?

O maior desafio é a quantidade avassaladora de informação e conhecimento que ainda não possui. É algo natural, que faz parte de toda e qualquer profissão, e com o qual devemos lidar de uma forma inteligente. É fulcral interiorizar que os livros nos dão uma boa base para iniciar uma profissão, mas são as partilhas com os colegas mais experientes que nos permitem alargar e construir sobre essa base.

Miguel Godinho

É licenciado em Gestão no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão (2020), estando no segundo ano do mestrado em Métodos Quantitativos para a Decisão Económica e Empresarial. Entrou na Zurich em Setembro de 2020 e está integrado na equipa de Contabilidade Financeira & Reporting, dando apoio em diferentes tarefas contabilísticas.



De que forma a pandemia afectou o seu dia-a-dia?

Não me senti particularmente afectado pela pandemia. Tal como toda a gente, fui afectado pelas restrições no dia-a-dia, mas não acho que tenha sido prejudicado em nada.

Quando começou a procura de emprego, achou que ia conseguir?

Sim, não senti que as empresas deixassem de procurar novos colaboradores. Na altura de enviar currículos, tive bastantes opções.

Como foi integrar uma empresa neste contexto pandémico?

De início, foi um pouco estranho, pois não tivemos aqueles momentos de convívio

onde poderia ter conhecido melhor as pessoas com quem trabalho diariamente e que teriam ajudado a criar relações. No entanto, toda a gente foi sempre muito simpática e, apesar de ter demorado um pouco mais devido ao teletrabalho, acho que já conheço, pelo menos, as pessoas da minha equipa.

De que forma decorreu o onboarding?

Correu melhor do que esperava. Como já entrei na Zurich em teletrabalho, foi tudo feito remotamente: recebi a formação e a passagem de tarefas por videochamadas e os colegas partilhavam o ecrã comigo de modo a facilitar a aprendizagem.

Quando estava à procura de emprego, o que mais valorizou nas ofertas?

Como se tratava de uma primeira experiência no mercado de trabalho, a minha maior preocupação foi procurar o melhor lugar para aprender e perceber realmente como funciona uma empresa com a dimensão da Zurich. E ganhar currículo.

Nesta fase, parece ser o modelo de trabalho híbrido o que mais é adoptado nas empresas cuja actividade permite o trabalho remoto. Como encara este tema?

Só consigo ver vantagens nesta forma de trabalhar. No meu caso, em específico, permitiu-me trabalhar a partir da minha terra natal, onde posso passar mais tempo com a minha família e amigos. No entanto, acho que a opção de trabalhar no escritório quando necessário deve manter-se sempre.

Sendo jovem, qual é para si o maior desafio do mercado de trabalho e que expectativas tem em relação ao futuro?

Neste momento, o objectivo passa por desenvolver a minha carreira. Espero vir a ganhar o meu espaço na Zurich, de

maneira a ter oportunidades de futuro e continuar a crescer na empresa.

Manuel Salema

Terminou a licenciatura em Gestão no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão em Fevereiro de 2020, estando a frequentar o mestrado em Gestão de Informação na NOVA IMS. Está na equipa de Analytics do Unibanco desde Junho de 2020. As suas funções passam essencialmente pela realização de análises com o objectivo de sustentar tomadas de decisão, e pela elaboração de dashboards, com a utilização de ferramentas como o Power BI e o SAS Guide, que permitem mensalmente acompanhar a evolução do negócio.

De que forma a pandemia afectou o seu dia-a-dia?

A pandemia começou um mês depois de eu terminar a licenciatura e, com o primeiro confinamento, a maioria das empresas suspendeu os processos de recrutamento e muitas deixaram de responder, o que tornou a procura mais difícil.

Depois acabou por me afectar com o trabalho remoto, porque, apesar de ter todas as condições para fazê-lo, na fase de entrada/adaptação numa empresa tornou-se mais complicada a integração, tanto ao nível de relações pessoais, como de questões que vão surgindo e que presencialmente se resolvem de forma mais fácil.

Quando começou a procura de emprego, achou que ia conseguir?

Achei, sobretudo, que não perdia nada em tentar. Felizmente sabia que algumas empresas estavam a contratar e quando encontrei esta vaga na área do meu mestrado e na área que queria explorar foi a oportunidade perfeita.

Como foi integrar uma empresa neste contexto pandémico?

Foi um desafio, porque o acompanhamento que é feito ao início torna-se mais complicado. Mas como entrei em Junho, a empresa já estava muito bem adaptada



a esta realidade e deu-me todas as condições para aprender e crescer a trabalhar em casa.

De que forma decorreu o onboarding?

Foi feito através de um plano de integração muito bem conseguido pela empresa, através de sessões remotas com todos os directores das mais variadas áreas da empresa, de forma a conhecermos melhor o negócio, as pessoas, e as funções mais concretas de cada área.

Quando estava à procura de emprego, o que mais valorizou nas ofertas?

O salário, num primeiro emprego, não é o mais importante, mas sim as condições de trabalho, e o facto de sentirmos que estamos numa empresa que nos dá perspectivas de crescimento e progressão na carreira. Senti isso na Unicre, que também me deu excelentes condições e benefícios.

Nesta fase, parece ser o modelo de trabalho híbrido o que mais é adoptado nas empresas cuja actividade permite o trabalho remoto. Como encara este tema?

Deverá ser um modelo opcional e equilibrado, porque acho que não há uma ciência exacta e varia de pessoa para pessoa. O remoto tem muitas vantagens, mas a presença física no escritório permite criar relações e dar condições de aprendizagem que se tornam mais complicadas à distância, principalmente para alguém que está a entrar numa empresa.

Sendo jovem, qual é para si o maior desafio do mercado de trabalho e que expectativas tem em relação ao futuro?

O maior desafio é, na fase de recrutamento, encontrar a empresa certa, o cargo certo, e conseguir ter a oportunidade de entrar. Muitas pessoas terminam os estudos e estão meses à procura dessa primeira oportunidade, e essa fase é muito complicada.



Quando conseguimos essa primeira oportunidade, já só depende de nós sermos profissionais e demonstrarmos o nosso valor, para um dia conseguir ascender na carreira. Esse é o maior desafio, e tem tendência a complicar no futuro, principalmente na minha área, onde existe cada vez mais competitividade.

Beatriz Pimenta

Formada em Engenharia e Gestão Industrial (EGI) desde Julho de 2020, é actualmente consultora de Business Intelligence na Axians Portugal, onde entrou em Novembro do mesmo ano.

De que forma a pandemia afectou o seu dia-a-dia?

Num primeiro período, posso considerar que a pandemia foi um catalisador para o meu último ano de estudos, permitindo-me terminar com todo o foco o estágio curricular e a minha dissertação. Mas as restrições pandémicas causaram algum constrangimento na concretização das entrevistas de trabalho, que eram consecutivamente adiadas, tratando-se assim de um momento de incertezas para o que futuro traria ou quando iria começar.

Quando começou a procura de emprego, achou que ia conseguir?

Conseguir não era uma questão, uma vez que procurava, numa área vasta e por todo o País, uma empresa que aliasse os seus valores aos meus, com uma cultura disruptiva. Era, e é, importante para mim que a empresa valorize e incorpore na sua cultura as ferramentas necessárias para dar ao seu

colaborador a oportunidade de integrar uma equipa remotamente, com todo o conforto, ajuda e profissionalismo que acontece num recrutamento presencial. O que foi verificado em diversas entrevistas.

Como foi integrar uma empresa neste contexto pandémico?

Curioso e tranquilo. Curioso por querer conhecer logo todos os processos envolventes. Para uma pessoa que gosta de ter a big picture de tudo, o remoto trouxe alguns entraves nesse âmbito. Tudo funciona com outra fluidez. Tranquilo porque uma equipa faz toda a diferença no processo e tive a sorte de integrar uma em que a energia e entreajuda é tão boa que nos sentimos parte da “família”, ainda que não haja contacto presencial.

De que forma decorreu o onboarding?

O onboarding foi todo online, através da plataforma Teams e sessões periódicas.

Quando estava à procura de emprego, o que mais valorizou nas ofertas?

Os valores e cultura da empresa. Tendo esses dois pontos adquiridos, penso que os benefícios em termos de aprendizagem era o que mais valorizava. Afinal, tinha terminado recentemente o mestrado integrado em EGI, e a ambição de continuar a aprender e querer conhecer-me melhor em termos do que quero ou não para um futuro a médio prazo pesava bastante na minha decisão.

Nesta fase, parece ser o modelo de trabalho híbrido o que mais é adoptado nas empresas cuja actividade permite o trabalho remoto. Como encara este tema?

A implementação do trabalho remoto e híbrido fortaleceu a relação de confiança entre a empresa e os colaboradores, com resultados efectivos. Considero que, na minha área de trabalho, o trabalho remoto é uma mais-





-valia porque, em detrimento de outras, esta não carece do contacto presencial.

Sendo jovem, qual é para si o maior desafio do mercado de trabalho e que expectativas tem em relação ao futuro?

No meu ponto de vista, o maior desafio do mercado de trabalho concentra-se na estagnação das posições de trabalho. Ou seja, a certo ponto, a posição que adquirimos já não traz mais conhecimento, o que faz com os jovens procurem outras opções dentro ou fora da empresa. Para o futuro, vejo e desejo que haja uma maior abrangência da “mutualização” de postos e áreas de trabalho, para que, desta forma, as soluções que os jovens procuram fora das empresas as encontrem dentro.

Sofia Condesso

Terminou a licenciatura de Matemática Aplicada com especialização em Informática, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em Julho de 2020. Desde Novembro passado, é cientista de Dados júnior na Axians Portugal.

De que forma a pandemia afectou o seu dia-a-dia?

No início, a pandemia causou-me algum medo e insegurança, pois trabalhava a recibos verdes e deixei de ter tanto trabalho. Por outro lado, tinha mais tempo disponível. Por isso, para além de me ter conseguido focar mais na última etapa da licenciatura, ainda consegui ter disponibilidade para completar um curso online sobre Ciência de Dados, que me despertou o interesse para a área.

Quando começou a procura de emprego, achou que ia conseguir?

Acho que tive o mesmo receio que teria fora de uma pandemia. Via muitas oportunidades no LinkedIn, por isso achei que não seria muito difícil arranjar um emprego. No entanto, nem todos os processos de recrutamento avançaram como esperado e, por momentos, desesperei um pouco, mas acabei por encontrar o desafio certo. Posso acrescentar também que, para mim, por ser

algo tímida, me senti mais à vontade com este modelo de entrevista remota.

Como foi integrar uma empresa neste contexto pandémico?

Foi algo completamente novo para mim, nunca tinha tido um trabalho em casa, nem um trabalho onde tivesse de trabalhar tanto em equipa. Mas, com o tempo, apercebi-me de que, mesmo estando longe, a equipa e a organização tinham uma boa comunicação, devido a várias práticas implementadas.

De que forma decorreu o onboarding?

Tive uma recepção fantástica. Para além de todos os onboardings relativos aos processos da empresa e projecto onde estava inserida, o meu verdadeiro onboarding na empresa foi a Axians Academy, um treino intensivo de duas semanas, com colegas que desempenham funções diferentes, repleto de desafios e contacto com as pessoas mais experientes da empresa, que me enriqueceu em soft skills e me preparou para as funções que estou a desempenhar, focando-se muito no desenvolvimento pessoal do colaborador e no mindset de negócio, sem nunca aprofundar muito as técnicas específicas de uma dada função.

Mesmo sendo online, houve imensa partilha, esforço e diversão. Acho que este tipo de recepção é bastante vantajoso para o colaborador e para a organização, por permitir que os colaboradores se conheçam melhor uns aos outros, a si próprios, e para que haja uma uniformização de valores e atitudes a seguir.

Quando estava à procura de emprego, o que mais valorizou nas ofertas?

Como não sabia exactamente a que funções me queria candidatar, a minha procura de emprego passou muito por candidaturas espontâneas e candidaturas a anúncios que

apresentassem nomes como “Academia”, esperando que o recrutamento me guiasse para uma experiência de que gostasse. Nunca me foquei muito nos salários ou benefícios, até porque, muitas vezes, essa informação nem consta no anúncio.

Nesta fase, parece ser o modelo de trabalho híbrido o que mais é adoptado nas empresas cuja actividade permite o trabalho remoto. Como encara este tema?

Se estiver a desempenhar tarefas que exijam mais concentração, sinto que sou mais produtiva quando trabalho em casa. Por outro lado, penso que dias presenciais também são importantes para executar tarefas como brainstorming ou discussão de assuntos importantes, e para estreitar laços com os colegas com quem trabalho todos os dias.

No entanto, com o novo modelo remoto, muitas pessoas mudaram de local de residência. Com isso em mente, acho que seria suficiente que os encontros fossem semanais ou quinzenais, de modo a não transtornar tanto pessoas que estejam nessa situação.

Sendo jovem, qual é para si o maior desafio do mercado de trabalho e que expectativas tem em relação ao futuro?

Para mim, enquanto jovem, o maior desafio do mercado de trabalho é perceber que funções gosto de desempenhar, tendo pouca experiência. Reparo que, hoje, já não é tão frequente as pessoas ficarem “uma vida inteira” no mesmo emprego. Por um lado, acho que é bom ter várias experiências, se quisermos, por outro, sinto que, muitas vezes, as pessoas mudam de emprego porque sentem que já não conseguem evoluir mais no seu actual emprego. Isso também é um desafio. De futuro, gostaria de continuar na área de Ciência de Dados, mas não penso fechar a porta a desafios noutras áreas, se surgirem. ■

